

Irmandades negras: estratégias de resistência e existência

Desde o descobrimento das Minas até o tempo do indiscreto e incon siderado estabelecimento das Irmandades de Pretos e Pardos, eram estes indivíduos humildes e moderados. Os pretos não ousavam levantar os olhos ou responder com tom mais alto a seus senhores nem ainda a qualquer branco. Os pardos tinham por grande honra quando algum branco se servia deles e louvava o seu préstimo.

Todos reconheciam a humildade, e o abatimento da sua condição, e o respeito que deviam aos brancos. Nos exercícios da religião eles ouviam a Santa Doutrina com muita devoção, edificavam-se em ouvir os sermões e assistir os ofícios divinos, tinham a maior veneração aos párocos beijando-lhes as mãos. Esta educação os continha. Ela devia continuar como a mais justa para a perfeição católica, e a mais precisa e útil para o equilíbrio e conservação da ordem civil.

Porém, depois que se estabelecera as ditas Irmandades animaram-se do espírito de intriga, revestiram-se de arrogância, e mudaram a humildade e abatimento que lhes é próprio em soberba e desaforo. Insultam os Brancos, desprezam os Párocos, arrogam-se isenções e privilégios, têm da sua parte as Justças, porque todos os escriptões e oficiais das Auditorias são senhores de uns e apaniguados de outros. [...]

As Irmandades dos pretos e pardos são as mais arrogantes, soberbas e descomedidas, já porque muitos dos pardos são abundantes e dotados de préstimos com que adquirem a benevolência e proteção de pessoas poderosas, já porque muitos dos pretos têm a proteção e assistência de seus senhores, que fazem timbre e ponto de honra de sustentar e defender as pretensões das Irmandades em que os seus escravos são irmãos, de sorte que estes indivíduos, destituídos por sua condição de figurarem ou terem autoridade alguma, se consideram em uma grande figura quando se alinham.

Trecho da representação dos vigários das Igrejas Coladas de Minas Gerais, AHU, 5 de março de 1794

O estudo do universo católico dos africanos e africanas da diáspora revela muito da maneira como se inseriram na sociedade brasileira e o resultado, a síntese desse encontro, que não é homogêneo nem uniforme, mas marcado por inúmeras tensões e contradições. Quando as religiões foram transportadas para a América, elas se reconstituíram de maneira diferente, fragmentária, de acordo com a

Irmandades de negros

1

Excluído: religioso

Excluído: a

realidade encontrada. Não havia mais família nem relação de parentesco. Não havia mais liberdade.

No catolicismo colonial brasileiro, podemos distinguir dois aspectos: o catolicismo na prática do culto oficial da Igreja, e o catolicismo efetivamente vivido pelo povo. De um lado, os ritos sacramentais foram impostos, pois todos os africanos deveriam ser batizados na costa da África ou ao chegar ao Brasil, tendo ainda a obrigatoriedade de assistir às missas dominicais – exigências frequentemente desprezadas pelos escravocratas. De outro lado estava a religião cristã praticada pelo povo, sem nenhuma obrigatoriedade expressa, e presente nas casas dos senhores de engenho, em seus oratórios, nos nichos das ruas, nas procissões e nas imagens dos santos.

Os primeiros registros de irmandades de negros no Brasil datam de 1586, sendo disseminadas pelos jesuítas entre os escravos dos engenhos. Os estados de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro abrigaram as mais expressivas congregações.

O catolicismo tradicional implantado com a colonização portuguesa apresentava como aspecto principal o caráter leigo, social e familiar. Leigo porque a direção e organização das associações religiosas mais importantes, como as irmandades, estavam em mãos seculares. Social e familiar porque havia uma estreita interpenetração entre religião, coletividade e vida em família. A religião era o motivo de convivência da sociedade. Festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social. As procissões e os festejos quebravam a monotonia e a rotina da vida diária, sendo muitas vezes uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir.

As irmandades eram instituições regidas por um estatuto, o chamado compromisso, que deveria ser confirmado pelas autoridades eclesásticas e pelos monarcas. Nele estavam contidos os objetivos, modos de funcionamento, as obrigações de seus integrantes, assim como os direitos adquiridos ao se tornarem associados dessas congregações.

A principal característica das irmandades, nesse período, era a autonomia. Através da mesa administrativa, procuravam gerir todos os seus negócios e decidir todas as questões internas e externas. A mais expressiva dentre as inúmeras irmandades de pretos era a de Nossa Senhora do Rosário. Desde os séculos XV e XVI, congregava a população negra em Portugal. Segundo Augusto de Lima Júnior, as

Excluído: núcleo

Excluído: famosa

Excluído: se

Excluído: a população negra

imagens de santos negros foram introduzidas em terras portuguesas por volta do século XI.

No Brasil, os negros tinham como patronos Santa Efigênia, São Benedito, Santo Antônio de Categerona, São Gonçalo e Santo Onofre, todos considerados ícones de origem africana – e que por isso mesmo gozavam de grande popularidade. São Benedito era o mais notório dentre eles, e sua adoração, desenvolvida na Europa, alcançou imensa aceitação no Brasil, inclusive entre a população branca. Mas a veneração a Nossa Senhora do Rosário superava todas as demais. Seu culto foi divulgado pelos dominicanos, que também difundiram a recitação do terço.

A irmandade dos negros dessa devoção surgiu, em Portugal, a partir de uma transformação gradativa das irmandades de brancos. O aparecimento dessas associações foi duramente criticado pelos irmãos do Rosário dos brancos, que acusaram os dominicanos de terem permitido que os negros tivessem uma instituição inteiramente formada por sua gente.

Além das atividades religiosas que se manifestavam na organização de procissões, festas, casamentos, corações de reis e rainhas, essas congregações também exerciam atribuições de caráter social: ajuda aos necessitados, assistência aos doentes, visita aos prisioneiros, concessão de dotes, proteção contra os maus-tratos dos escravocratas e auxílio para a compra da carta de alforria.

No entanto, uma das prerrogativas mais lembradas nos capítulos dos estatutos ou compromissos das irmandades referia-se à garantia de um enterro para os escravizados, frequentemente abandonados por “seus senhores” nas portas das igrejas ou nas praias, para que fossem levados pela maré da tarde.

Em falecendo algum nosso irmão ou irmã ou algum dos seus filhos menores e vindo sepultar-se ou nesta nossa igreja ou em alguma desta povoação, e indo na nossa tumba, se tocará o sino e todos os irmãos que morarem na povoação e seus arredores, sendo avisados pelo Procurador, se ajuntarão na nossa igreja, para que saiam em ordem acompanhando a cruz e guião com suas opas brancas e tochas ou velas nas mãos, e pela rua irão todos com muita compostura e modestia até a parte onde estiver o corpo do irmão ou irmã defunta, e daí irão com a mesma ordem até a igreja donde se for sepultar. (Constituição 8ª, Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do

Excluído: escravos

Excluído: senhores

Excluído: santos negros

Os brancos eram aceitos nas irmandades, porém, elas tomavam várias medidas para estabelecer seu campo de atuação.

Nesta irmandade se admitirão homens e mulheres brancos, porém, não terão voto na irmandade, não se intrrometerão nas suas determinações, não poderão ser eleitos para servir na Mesa, e ainda que queiram às suas custas fazer alguma de nossas festas, não rejeitaremos, porém a assistência ou presidência dela será de nossos oficiais pretos. (Ibid.)

As funções de escravidão e tesoureiro eram, em algumas irmandades, exercidas pelos brancos. A pobreza e o analfabetismo de boa parte da população negra fundamentava essa exigência. No entanto, no final do século XVIII, havia pretos e mulatos exercendo essas tarefas

É o ofício de tesoureiro de muita consideração na irmandade, e assim queremos que sirva sempre esta ocupação um homem branco, o qual a Mesa elegerá na eleição que se fizer, e havendo algum que seja irmão desta Santa Irmandade, sendo pessoa capaz, esta preferirá em primeiro lugar. (Ibid.)

É importante destacar a presença das mulheres, que participavam da mesa administrativa, exercendo inclusive a função de escriva.

Dos oficiais que haverá nesta irmandade: um juiz, um escrivo, dois procuradores, doze mordomos (seis criolos e seis angolas), uma juíza também de Mesa, uma escriva, e doze irmãs ou mordomas, e destas também serão seis criolas e seis angolas. O juiz e escrivo sempre será um deles torro e outro cativo, o mesmo se guardará com a juíza e escriva. (Ibid.)

As irmandades formadas por africanos apresentavam algumas especificidades:

Todo o irmão ou irmã da nação de Angola, que por seus merecimentos a Irmandade eleger para Rei, ou Rainha de Nossa Senhora, serão eleitos pessoas isentas de cativoiro, só sim servirão os sujeitos não havendo libertos, ou forem esses insuficientes de ocuparem o dito cargo, porque destes a incapacidade faz perder os méritos do dito cargo. Serão obrigados, tanto o Rei, como a Rainha, a darem de estipêndio cada um ano quatro mil réis, e serão os ditos obrigados a convocar as suas nações para tirarem esmolas para as obras de Nossa Senhora todas as vezes que pela Mesa determinar-se-lhe. (Ibid.)

Os viajantes estrangeiros que visitavam o Brasil naquele período ficavam admirados com a pompa e a cerimônia das festas organizadas pelas irmandades de negros, que possibilitavam a população escravizada momentos de lazer, diversão e convívio social.

No compromisso da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios do Rio de Janeiro, composta por africanos da Costa da Mina, os irmãos assumiam a promessa de não executar danças com gestos "obscenos ou indecentes" nas festividades de Nossa Senhora do Rosário. Isso significava que a pastoral contra festas ilícitas, promulgada em 1747 pelo bispo do Rio de Janeiro, frei Antônio de Desterro, havia sido insuficiente para cobrir tais "abusos".

Em Recife, por ocasião das festas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, dançava-se o maracatu, manifestação que também apresentava o encontro entre índios e negros na região e que causava suspeitas nas autoridades eclesásticas. Na mesa administrativa dessa irmandade predominavam os negros e negras forras, que desenvolviam atividades econômicas e investiam boa parte de seus rendimentos nas cerimônias religiosas, sendo frequentemente eleitos como rei e rainha do Congo.

Algumas congregações eram bastante procuradas por negros e pardos que queriam ingressar como irmãos. As mais requisitadas e prestigiadas costumavam ser também as mais exigentes e seletivas à admissão de associados. Crimes e vícios eram por vezes mencionados como motivo para remoção do cargo ou expulsão da confraria. O envolvimento em delitos ou o tom de discórdia também poderiam levar à exclusão, a menos que houvesse arrependimento. Em geral cabia ao juiz realizar a punição dos faltosos, que costumavam ter três chances de se arrepender. A penalidade

Excluído: cerimônia
 Formatado: Realce
 Excluído: mostrava

Excluído: os
 Excluído: escravos

De todos os gastos, o que mais causava polémicas e conflitos era o pagamento aos párcos, pelos excessos que então se verificavam, sobretudo os referentes às conheçenças. A taxaçaõ das conheçenças procurador.

diversas normas para regular a atividade do tesoureiro e do de seus bens. Para isso cercavam-se de cuidados e estabeleciam eram indicativos do desempenho das irmandades no gerenciamento pomposos funerais, o socorro aos irmãos mais necessitados também prestígio e espaço de vivência da fé e social. As festas religiosas, os importância das igrejas para a população negra, como símbolo de A construção de prédios bem equipados e ornamentados revelava a propriedades e de terras.

autorizados, donativos anuais, doações dos benfeitores e aluguéis de dos oficiais das festas, esmolas pedidas por irmãos devidamente possuíam várias fontes de renda: taxas de admissão, contribuições No que se referia à organização econômica, essas associações Prevalencia, portanto, o critério de antiguidade.

Benedito; e finalmente a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Antônio de Catagerona; em terceiro lugar, a Irmandade de São Martiros, por ser a mais recente; atrás dela ia a Irmandade de Santo Pernambuco, sala inicialmente a Irmandade do Senhor Jesus dos Nossa Senhora do Rosário da vila de Goiana, bispado de Assim, nas procissões ou enterros realizados pela Irmandade de enterros.

revelava nos capítulos ou artigos que descreviam as procissões ou os sociedade colonial. Nos compromissos, essa organização interna se por ser a mais rica, poderosa e que mais integrantes abrigou na laterais. Isso se observou principalmente na Irmandade do Rosário, hospedar outras duas ou três, que colocavam seus santos nos altares Outro aspecto a ser destacado é que uma mesma irmandade podia os segredos discutidos nas reuniões da mesa.

injustas, tentavam interferir nos resultados das eleições e revelavam normas do compromisso, perturbavam as reuniões, faziam exigências enterros, não participavam das atividades religiosas, desobedeciam às pagavam as taxas exigidas pela irmandade, não compareciam aos Viam-se também excluídos aqueles irmãos que, tendo condições, não para essas ofensas comumente eram preces ou trabalhos de caridade.

Excluído: os negros

Excluído: sobre tudo

Excluído: E

O primeiro compromisso da Irmandade do Rosário de São Paulo previa a entrada de mulheres, mas ao mesmo tempo fazia algumas restrições: "O Juiz e o escrivão desta Irmandade terão cuidado de ver as pessoas que admitem por irmão, principalmente as mulheres, se são honestas e capazes, e os homens de procedimento e trato bom" (capítulo 17º). O artigo 13º do compromisso estabelecia, em parágrafo único, que as irmãs de mesa, em razão de seu sexo, eram impedidas de prestar outros serviços à irmandade. Por isso, ficavam incumbidas de pagar uma jóia de dez mil-réis e de vestir um anjo para acompanhar a procissão que, no dia da festa da

Formatado: Fonte: Garamond, Realce

O ingresso nas irmandades representava reconhecimento social, possibilidades de contato e uma tentativa de contornar os preconceitos sociais e raciais que caracterizavam a sociedade brasileira. Desde os últimos anos do século XVIII, observava-se o costume de os devotos participarem simultaneamente de várias associações. As mulheres, principalmente, ingressavam em diversas irmandades ao mesmo tempo.

O valor da taxa de admissão e outras contribuições pagas pelos irmãos variava com a cor do candidato. Os irmãos brancos eram obrigados a contribuir com uma quantia mais elevada que pardos e negros. Essa mesma distinção não se verificava em relação ao sexo dos irmãos. Homens e mulheres pagavam a mesma importância, revelando uma certa igualdade de prestígio das mulheres nessas associações. A presença feminina marcante é um dado importante para a caracterização das irmandades negras e pardas, indicando um contraste com as associações de brancos, cuja predominância parece ter sido sempre masculina.

Eram frequentes também as acusações do clero às irmandades. Primeiro porque empregavam seus recursos em suas próprias capelas e igrejas, recusando-se a auxiliar nas despesas dos ofícios religiosos das matizes. Depois porque celebravam suas festas e ofícios sem a autoridade e a assistência dos párocos, impedindo-os de receber os emolumentos e de desfrutar das regalias próprias à sua posição hierárquica.

era um direito próprio dos padres, com o objetivo de sustentar sua dignidade sacerdotal. Ela se traduzia em tributo pecuniário cobrado aos paroquianos por ocasiões de desobriga quaresmal. Variava de acordo com as dioceses e incidia sobre as pessoas que cumpriam o preceito da confissão ou da comunhão anual na Páscoa.

As irmãs escravizadas, quando se tornavam forras, passavam do livro de cativas para o livro de libertas, e posteriormente para o livro de assentamento de irmãs, conforme revela a documentação: Florisbela Tereza de Jesus, Rita Maria do Espírito Santo, Florisbela Augusta de Oliveira Mendes, Maria Gertudes Cavalheiro, Maria Cândida Cerqueira Leme e Luiza são alguns exemplos de mulheres que vivenciaram diferentes estágios na Irmandade de São Benedito, em meados do século XIX, em São Paulo.

Excluído: escravas

A presença de Rufina Maria do Ó em diversas associações negras não é um caso isolado. O que chama a atenção, contudo é o grande trânsito de irmãs de uma irmandade para outra e o papel desempenhado por algumas que atuavam como contato ou ponte de ligação entre elas. Destacamos outras mulheres que, como Rufina, participaram ativamente em mais de uma irmandade de negros nas últimas décadas do século XIX: Silvana Maria do Rosário, Rita Maria do Bonfim, Maria do Carmo Baptista, Marciana do Carmo Guedes, Atanásia Umbelina Xavier, Florência Maria das Dores, Virginia Benedita do Espírito Santo, Maria Rita dos Santos.

Formatado: Fonte: Não Negrito

Ajudar a organizar as festas e arrecadar esmolas eram as atribuições oficiais das mulheres nas congregações. Há contudo exemplos como o de Rufina Maria do Ó, em São Paulo, que participava ao mesmo tempo da Irmandade do Rosário, da Irmandade de São Benedito e, ainda, da Irmandade de Santa Efigênia e Santo Elesbão, associações nas quais os catifazes – como ficaram conhecidos aqueles que lutavam para acabar com a escravidão – tiveram uma efetiva presença. Rufina alistou-se como irmã simples na Irmandade de São Benedito no dia 19 de agosto de 1872. Pagou a jóia de 640 réis e, no mesmo ano, foi eleita rainha para as festividades de Nossa Senhora do Rosário, conforme está registrado no livro de assentamento de irmãs libertas. Em 1876, foi eleita irmã de mesa na Irmandade de Santa Efigênia e Santo Elesbão, conforme consta no livro de atas dessa Irmandade, sendo, 12 anos depois, em 1888, reconduzida ao cargo. Desde 1879 havia ingressado também na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, sendo eleita irmã de mesa para o ano de 1884, e juíza, em sessão realizada no dia 18 de dezembro de 1892.

padroeira, percorria as ruas da cidade. Este parágrafo esta em outro tipo de fonte,

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Azul

Formatado: Fonte: Garamond

A fundação da Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte no estado da Bahia, por volta de 1820, constituiu uma das mais expressivas formas de resistência ao regime escravista. Possivelmente a única irmandade formada exclusivamente por mulheres, no Brasil, sua existência causou impacto sobre a sociedade patriarcal da época. Estima-se que, nos primeiros anos, a Boa Morte tenha arrematado mais de cem escravas e forras que tinham como objetivo principal a compra da carta de alforria para a libertação de seus filhos, maridos, netos e agregados, ou ajudá-los em fuga, encaminhando-os para o Quilombo do Malaquias, em Terra Vermelha, zona rural da cidade de Cachoeira. Além das obrigações religiosas com funerais e cortejos, eram também suas atribuições a realização de festejos, o pagamento de missas e os compromissos com caridade e vestuário.

A posição de maior prestígio da irmandade era a de juíza perpétua, conferida à irmã mais idosa. Em seguida vinham os cargos de procuradora geral, provedora, tesoureira e escritã. A preservação dos

A Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte

Certamente essas mulheres, como tantas outras irmãs que permanecerem anônimas, tenham feito pelas irmandades muito mais que arrecadar esmolas e vestir um anjo para acompanhar a procissão no dia da festa da padroeira. Podemos levantar a hipótese de que, além do sentimento religioso, outros objetivos motivaram essas negras escravizadas ou libertas a participar tão ativamente desses espaços.

Excluído: escravas

Excluído: É muito provável que

Por questão de devoção, ou para pagar promessa, muitas mulheres preocupavam-se em alistar seus filhos nas irmandades. A iniciativa partia das mães, não constando no livro de registro o nome dos pais. Amélia Emídia da Luz tinha dois anos de idade quando, em 30 de abril de 1866, sua mãe, Francisca Maria da Luz, a inscreveu como irmã simples e pagou 640 réis. No ano seguinte, cumpriu-se o mesmo ritual, dessa vez para alistar a filha Benedita Emídia da Luz. A menor Adelina Eugênia da Silva, filha de Custódia Francisca da Silva, assentou-se por promessa como irmã de mesa perpétua em junho de 1863, e deu de jóia a entrada de dois mil-réis. Lídia do Carmo Guedes, antes mesmo de completar dois anos de idade, foi levada por sua mãe Marciana para alistar-se a 28 de maio de 1871, como irmã simples, e pagou a jóia exigida.

mistérios das religiões de matrizes africanas, expressamente proibida durante a escravidão, foi outra característica importante dessa irmandade do Recôncavo Baiano. Embora seus rituais permaneçam secetos até os dias de hoje, os trajes – especialmente os turbantes – são indícios concretos da forte influência muçulmana. É importante ressaltar que essas mulheres, ao mesmo tempo que atendiam às exigências eclesiais, foram as responsáveis pela fundação da primeira casa de candomblé naõ a funcionar regularmente no país, recriando, por trás das aparências, os ritos da ancestralidade africana.

Agentes de um intenso processo de intercuro cultural, essas devotas procuraram se organizar dentro dos limites impostos. Através da congregação, promoveram um espaço de resistência em busca da liberdade e da manutenção de sua cultura e identidade. A criação da irmandade demonstra o poder de organização política do associativismo e enfatiza a grande solidariedade das africanas e negras brasileiras – que viria a se manifestar em outras iniciativas, no século seguinte. Para além da devoção religiosa, o culto a Nossa Senhora da Boa Morte adquiriu sentido social de defesa e valorização das experiências vividas pela população negra.

Outros canais de participação política e vivência religiosa foram criados e conquistados pelos afro-descendentes. Mas as irmandades permanecem ainda hoje como símbolo de resistência e esperança, assim como a Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte, de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito, de Santa Efigênia e tantas outras, que, espalhadas pelo país, continuam a figurar como exemplos de nossos mais valiosos e importantes patrimônios culturais.

Excluído: pelos negros

Excluído: negras

Excluído: negro

Excluído: negras